ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: INTERSECCIONALIDADE E RELAÇÕES DE PODER

Gleison Amorim da Silva - Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: gleison.amorim@aluno.uece.br

Resumo
O artigo analisa a reprodução de estereótipos de gênero na Educação Infantil e seus efeitos na construção das identidades das crianças. Com base na interseccionalidade e em revisão integrativa qualitativa (2016–2022), o estudo dialoga com o debate jurídico sobre a proibição de conteúdos de gênero nas escolas, considerada inconstitucional pelo STF em 2025. Os resultados indicam que brincadeiras, materiais didáticos e práticas pedagógicas reforçam padrões desiguais: meninas são associadas a atividades afetivas e domésticas, enquanto meninos são estimulados à competição. Tais dinâmicas, atravessadas por relações de poder, contribuem para a naturalização de desigualdades e da violência de gênero desde a infância. Como resposta, propõem-se práticas pedagógicas inclusivas, como livre escolha de brinquedos, atividades artísticas sem restrições, uso de literatura inclusiva e jogos colaborativos. Conclui-se que a superação desses estereótipos exige formação docente contínua e políticas educacionais comprometidas com a equidade.
Palavras-Chave: Estereótipos de gênero. Educação infantil. Interseccionalidade. Relações de poder.

Introdução

> A interseccionalidade, ao reconhecer que a desigualdade social raramente é causada por um único fator, adiciona camadas de complexidade aos entendimentos a respeito da desigualdade social. Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder (Collins; Bilge, 2020, p. 45).

O presente trabalho configura-se como um estudo em desenvolvimento acerca das intersecções de gênero que permeiam as relações estabelecidas durante a infância. Tomamos como ponto de partida para esta reflexão a controvérsia suscitada pelas legislações municipais que, nos últimos anos, têm tentado proibir a inclusão de conteúdos sobre gênero e orientação sexual na rede pública de ensino.

Em 2025, o Supremo Tribunal Federal (STF) declarou inconstitucionais diversas dessas leis, que haviam sido aprovadas como em municípios de Santa Catarina e Pernambuco, reconhecendo que tais normas violam preceitos fundamentais como a liberdade de ensinar, o pluralismo de ideias e a igualdade de gênero. Essas tentativas de censura legislativa, frequentemente justificadas por um suposto "discurso de proteção à infância", na realidade

consolidam uma perspectiva binária, sexista e excludente acerca das formas de ser e existir no mundo. Esse posicionamento gera impactos prejudiciais na vivência das crianças. Meninos que demonstram comportamentos considerados femininos, por exemplo, provavelmente enfrentam diversas modalidades de repressão e ofensas ao longo de sua trajetória. Ou seja, esse tipo de pensamento alimenta condutas violentas que se originam da falta de informação sobre as questões de gênero e suas variadas performatividades, que transcendem os aspectos meramente biológicos (Migalhas. 2026).

Propomo-nos, portanto, a examinar essa problemática no âmbito da infância, focalizando especialmente o contexto da Educação Infantil, com ênfase nas manifestações de violência de gênero presentes em diversos discursos e representações impostas às crianças.

A partir dessa perspectiva, emergem as seguintes indagações: de que maneira os estereótipos de gênero são perpetuados no ambiente escolar? De que forma essas representações estereotipadas exercem influência sobre a constituição das identidades infantis? Como as práticas lúdicas podem contribuir para a ruptura com os estereótipos de gênero, violência e relações de poder?

Nesse sentido, o propósito deste artigo consiste em examinar como os estereótipos de gênero são reproduzidos no contexto educacional e de que maneira essa reprodução afeta a construção das identidades de gênero na infância.

Adotamos, para tanto, uma metodologia de natureza qualitativa, privilegiando a investigação bibliográfica mediante uma revisão integrativa das produções acadêmicas desenvolvidas no período compreendido entre 2016 e 2022. Conforme Minayo e Deslandes (2007), na investigação qualitativa, é fundamental buscar compreender e explicar o fenômeno estudado, considerando as interações entre os objetivos dos pesquisadores, suas orientações teóricas e os dados empíricos. Assim sendo, fundamentamo-nos em teóricos(as) que oferecem aportes significativos sobre a temática, a saber: Almeida (2016); Costa e Frota (2022); Dias, Gomes, Rabelo (2022); Souza e Cardoso (2022); Kasai, Lima, Prodócimo (2022); Lucena (2020); Maia et al. (2022); Milhomem, Lima, Sousa (2017); Paula (2020).

Relações de Gênero, Poder e Violência na Educação Infantil

A possibilidade de problematização sobre como as relações de gênero são vividas e experimentadas por meninos e meninas permite que se supere práticas sexistas

> veiculadas por diferentes meios sociais, por exemplo: família, escola, materiais didáticos e a mídia em geral. (Almeida, 2016, p. 72).

A problematização sobre como as relações de gênero são vivenciadas por meninos e meninas permite superar práticas sexistas veiculadas por diferentes meios sociais, tais como família, escola, materiais didáticos e mídia (ALMEIDA, 2016).

Almeida (2016) alerta sobre a importância de analisar as relações de gênero na Educação Infantil, especialmente ao examinar as ilustrações presentes em blogs educacionais. Essa análise proporciona compreensões sobre como as representações visuais influenciam a formação das percepções de gênero desde a infância. Ao atentar-se a esse aspecto, torna-se possível compreender de que maneira as crianças são expostas a diferentes estereótipos de gênero e como isso impacta a construção de suas identidades.

Segundo Woodward (2012), a representação, entendida como processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, fornecendo respostas às questões: quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e falar. Essas representações visuais moldam, portanto, a maneira como as crianças percebem a si mesmas, assim como também influenciam suas expectativas em relação aos papéis e comportamentos associados aos gêneros.

> Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (Louro, 1997, p. 28).

A análise das relações de gênero na Educação Infantil, conforme destacado por Almeida (2016), revela a influência das representações visuais e dos estereótipos de gênero na formação das percepções das crianças sobre si mesmas e sobre o mundo. Compreender e refletir sobre a maneira como as representações de gênero são reproduzidas na escola e percebidas pelas crianças se tornam essenciais na busca por criar ambientes educacionais que promovam a equidade de gênero e o respeito à diferença.

É importante destacar que as representações, como já afirmado, desempenham importante papel na construção das identidades dos sujeitos. Mas, “A lei não é literalmente internalizada, mas incorporada, com a consequência de que são produzidos corpos que significam essa lei sobre o corpo e através do corpo” (Butler apud Salih, 2012, p. 92). Ou seja, os indivíduos reagem às normas, internalizam, negociam, adaptam, transgridem. Por isso, “um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a

sexualidade 'legítimos'" (Louro, 2016, p. 26). Portanto, ao considerar as relações de gênero na Educação Infantil, é fundamental adotar uma abordagem crítica e reflexiva, que busque desconstruir os estereótipos e promover uma educação mais inclusiva e democrática (Milhomem, Lima, Sousa, 2017).

Essa construção identitária não se restringe ao universo da educação infantil, ecoando por toda a trajetória educacional e podendo culminar na manifestação de diferentes violências de gênero no ambiente escolar. Dias, Gomes e Rabelo (2022) destacam a necessidade de abordar questões de gênero e violência no contexto educacional, evidenciando a importância de identificar e combater formas de violência de gênero que possam ocorrer entre as crianças.

Saffioti (2001) define violência de gênero como um conceito amplo, que abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. Segundo a autora, no exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta dessas categorias sociais, recebendo autorização ou tolerância da sociedade para punir o que se apresenta como desvio. Essa dinâmica de dominação e exploração permeia diversas relações, tanto no núcleo familiar quanto fora dele.

É possível que mulheres também assumam o uso do poder e pratiquem comportamentos violentos frequentemente associados ao sexo oposto, podendo protagonizar episódios de violência contra parceiros, filhos e outros. As violências de gênero têm suas raízes na desigualdade entre os sexos e estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas de poder. Mesmo quando não há intenção explícita de desvio das normas sociais preestabelecidas, o modelo de domínio e exploração imposto pela expectativa social associada ao gênero masculino requer o uso de violência como meio de reforçar a capacidade de imposição e comando (Dias; Gomes; Rabelo, 2022).

Conforme Dias, Gomes e Rabelo (2022), homens e mulheres crianças, adolescentes, jovens e adultos podem adentrar o espaço escolar carregando reflexos das violências de gênero já vivenciadas em suas trajetórias, estando igualmente propensos a vivenciar novos episódios de violências de gênero dentro do próprio ambiente escolar.

Mulheres e outras minorias sociais enfrentam diariamente diversas manifestações de violências de gênero em múltiplos contextos: no ambiente escolar, no trabalho, nas redes sociais, na maternidade, nas restrições a cargos políticos, no tráfico e exploração sexual, nas disparidades salariais, em casos de estupro e abuso sexual, no assédio e constrangimento sexual em espaços

públicos e transportes coletivos, além da violência mediática, obstétrica, política, estrutural e coletiva (Dias; Gomes; Rabelo, 2022).

> As meninas (adolescentes) estão mais suscetíveis à violência sexual, ao assédio sexual e à exploração, inclusive no ambiente escolar. Entende-se que as meninas são as principais vítimas desses episódios de violências devido às desigualdades dos papéis atribuídos para meninos e meninas no âmbito social. A desigualdade de gênero que sustenta as relações sociais contribui e legitima desde muito cedo diferentes tipos de violências entre homens e mulheres. (Dias, Gomes, Rabelo, 2022, p. 7).

Nas brincadeiras infantis, meninas são frequentemente estimuladas a brincar de casinha, mamãe e cozinha, enquanto são impedidas ou pouco motivadas a participar de atividades que fogem dessa temática. Os meninos, por sua vez, são influenciados a se envolver em divertimentos que, comumente, não incluem sensibilidade, delicadeza ou cuidado, características consideradas femininas. As chamadas "brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas" costumam ter efeito nocivo no comportamento das crianças durante as brincadeiras livres, reproduzindo estereótipos aprendidos em seu contexto cultural.

Barbosa (2012) afirma que é por meio desses tipos de brincadeiras que se cria a imagem do homem provedor, cujo lugar é no mercado de trabalho, enquanto a mulher é vista como aquela que deve permanecer em casa, cuidando dos filhos e do lar, limitando o espaço ocupado por mulheres e homens na sociedade e promovendo a desigualdade de gênero.

Essa interseção entre relações de gênero na Educação Infantil e violência de gênero evidencia a necessidade de questionar o cotidiano escolar, buscando perceber nele a reprodução da violência de gênero. Na escola, tal violência pode ocorrer de muitas formas, inclusive a partir das normas de disciplinamento dos corpos e comportamentos. Isso remete ao conceito de vigilância panóptica proposto por Foucault (1987) ao refletir sobre dispositivos de poder que as instituições utilizam para controlar os indivíduos, fazendo-os submeterem-se às suas normas. Segundo o autor, o efeito mais importante do Panóptico é "induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder" (Foucault, 1987, p. 164). É importante ressaltar que, habitualmente, o posicionamento dos educadores diante dos estereótipos de gênero é imperceptível para eles mesmos, visto que muitos estereótipos estão enraizados em nossa cultura e sociedade, fazendo com que seus efeitos prejudiciais passem despercebidos.

Costa e Frota (2022) enfatizam a relevância de considerar as relações de poder entre as crianças, concluindo que as relações sociais são predominadas por desigualdades sociais, econômicas e

de gênero que fazem parte da construção dos estereótipos e expressam as relações de poder na infância. Atravessadas pela influência dos adultos, as interações culturais desempenham papel significativo na construção das identidades de gênero.

Os autores destacam que compreender o processo de construção da identidade na infância é revelar como as crianças manifestam sua individualidade e coletividade, mobilizando saberes e competências para "controlar e vigiar comportamentos que venham a se tornar ameaçadores à ordem instituinte do grupo" (Costa; Frota, 2022, s.p.).

Ao entrelaçar relações de gênero na Educação Infantil e violência de gênero, percebe-se uma trama complexa que impacta diretamente a experiência das crianças no ambiente escolar. As relações de gênero na infância são influenciadas não apenas por fatores externos, mas também pelas interações entre as crianças (Almeida, 2016). A compreensão das dinâmicas de poder entre os pequenos revela como as estruturas sociais de gênero são internalizadas e reforçadas desde tenra idade (Costa; Frota, 2022).

Torna-se evidente, portanto, a necessidade de abordagens educacionais sensíveis às questões de gênero desde a Educação Infantil. Promover um ambiente escolar que desafia os estereótipos de gênero, desconstrói as hierarquias de poder e combate a violência de gênero é fundamental para criar um espaço educacional verdadeiramente inclusivo e diverso. Essa abordagem não apenas beneficia as crianças em sua jornada educacional, mas também contribui para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a diversidade de gênero em toda a sociedade.

Brincadeiras, Estereótipos e Relações de Poder na Infância

> Compreender o gênero como construção social implica em abarcar as pluralidades existentes entre os sujeitos e suas culturas. Cada qual com sua bagagem de vida e com uma imensidão de possibilidades para continuar constituindo sua identidade. (Kasai, Lima, Prodocimo, 2022, p. 65).

Kasai, Lima e Prodócimo (2022) exploram a relação entre jogos e questões de gênero na educação formal, destacando como as atividades lúdicas influenciam a construção das identidades de gênero dos estudantes. Ao promover jogos e atividades que desafiem estereótipos de gênero, torna-se possível criar um ambiente educacional mais diversificado e inclusivo. Segundo os autores, nos jogos e brincadeiras, as crianças expressam seus modos de

ser e compreender o mundo, revelando "apropriações de gênero que, por vezes, são compreendidas como igualitárias e desassociadas do binarismo e, por vezes, como preconceituosas, a partir de discursos que parecem ser reproduzidos de outros sujeitos" (Kasai; Lima; Prodócimo, 2022, p. 50).

A transformação de práticas educacionais para lidar com questões de gênero e brincadeiras infantis enfrenta desafios significativos, uma vez que certas ideias e valores estão profundamente arraigados na sociedade e no imaginário coletivo. Para efetuar mudanças substanciais, são necessárias ações coletivas e institucionais que promovam conscientização e formação sobre questões de gênero, buscando desmantelar paradigmas consolidados no contexto educativo (Kasai; Lima; Prodócimo, 2022).

Na Educação Infantil, o ambiente é crucial para a formação de valores e compreensão sobre questões de gênero. É nesse contexto que se deve promover uma abordagem inclusiva e desconstrutiva, para que as crianças possam crescer em um ambiente que respeite e valorize a diversidade de expressões de gênero. Diversas práticas cotidianas podem ser implementadas, visando quebrar estereótipos e promover uma compreensão mais ampla e respeitosa sobre o tema:

a) Escolha Livre de Brinquedos: Disponibilizar variedade de opções em espaço central, encorajando as crianças a escolherem sem restrições de gênero. Meninos podem escolher bonecas e meninas podem escolher carrinhos, desenvolvendo autonomia e desconstruindo estereótipos.
b) Atividades Artísticas: Evitar direcionar escolhas de cores ou temas baseados em estereótipos de gênero. Permitir que cada criança escolha o que deseja criar, estimulando a criatividade e quebrando limitações impostas por rótulos de gênero.
c) Literatura Inclusiva: Introduzir livros que apresentem personagens diversos em termos de gênero, com histórias que vão além dos papéis tradicionalmente associados a meninos e meninas, promovendo empatia e entendimento da pluralidade de gênero.
d) Jogos Colaborativos: Promover jogos que requerem cooperação e interação entre todas as crianças, sem distinção de gênero, como construção coletiva ou atividades de equipe, quebrando a ideia de competição baseada em estereótipos.

Ao implementar essas práticas na educação infantil, cria-se um ambiente que desconstrói estereótipos de gênero e promove uma compreensão mais inclusiva e respeitosa sobre a diversidade de expressões de gênero. Essas ações pedagógicas contribuem para a formação de

crianças mais conscientes, tolerantes e empáticas em relação à pluralidade de identidades de gênero. A educação infantil tem papel fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa, e cada uma dessas práticas representa um passo nesse caminho.

Conclusões

A presente pesquisa analisou como os estereótipos de gênero são reproduzidos no contexto escolar e como essa reprodução influencia a construção das identidades de gênero das crianças. Através da revisão integrativa de estudos publicados entre 2016 e 2022, foi possível identificar diversas reflexões pertinentes a essa temática, utilizando a interseccionalidade como ferramenta analítica para compreender as múltiplas camadas de desigualdade que atravessam as relações de gênero na infância.

A partir deste estudo, evidenciou-se como as representações de gênero se fazem presentes no cotidiano escolar e como exercem influência sobre a identidade das crianças. Observou-se também a necessidade de as instituições educacionais estarem preparadas para acolher as transgressões de gênero, sem reforçar preconceitos e, principalmente, garantindo às crianças que fogem da norma o acesso a uma educação de qualidade.

As brincadeiras infantis podem constituir-se como meio para a desconstrução dos estereótipos. No entanto, os estudos revelaram que essas práticas frequentemente reproduzem as desigualdades sociais e culturais, na medida em que meninas são direcionadas a atividades mais domésticas e afetivas, enquanto meninos são incentivados a participar de jogos mais competitivos e vigorosos.

A perspectiva pós-estruturalista, conforme apresentada por Louro (1997), ofereceu para a escrita deste artigo uma abordagem crítica e reflexiva sobre as relações entre identidade, poder e sexualidade no ambiente educacional, possibilitando a desconstrução das concepções binárias de gênero, ampliando o espectro de possibilidades identitárias e promovendo uma educação mais inclusiva.

Além disso, a análise dos estudos catalogados demonstrou que as relações de poder entre as crianças desempenham papel fundamental na construção das identidades de gênero na infância. As interações sociais, muitas vezes permeadas por desigualdades, contribuem para a internalização e reforço dos estereótipos de gênero desde cedo.

A interseção entre relações de gênero na educação infantil e violência de gênero nas instituições de ensino destaca a necessidade de abordagens educacionais sensíveis às questões de gênero

desde a infância. Promover um ambiente de aprendizagem que desafia os estereótipos de gênero, desconstrói as hierarquias de poder e combate a violência de gênero é essencial para criar um espaço educacional verdadeiramente inclusivo e igualitário.

Assim, a presente pesquisa contribuiu para a reflexão sobre a importância de promover uma educação que valorize a diversidade de gênero, respeitando as múltiplas formas de ser e estar no mundo.

Diante das reflexões apresentadas, torna-se evidente a importância de desconstruir os estereótipos de gênero desde os primeiros anos de vida. Os estudos de Lucena (2020) e Maia et al. (2022) ressaltaram a relevância de abordar questões de gênero e sexualidade na educação infantil, visando formar cidadãos mais conscientes e respeitosos das diversas manifestações de identidade de gênero e orientação sexual.

Através da promoção de estratégias pedagógicas voltadas para a desconstrução de estereótipos de gênero nas brincadeiras infantis, é possível criar um ambiente propício ao desenvolvimento integral da criança, como enfatizado por Paula (2020). As atividades psicomotoras destacam-se como recurso necessário, contribuindo não apenas para o aprimoramento físico-motor, mas também para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, conforme observado por Souza e Cardoso (2022).

No âmbito da educação formal, os estudos de Kasai, Lima e Prodócimo (2022) sublinham a influência dos jogos na construção das identidades de gênero dos estudantes. Ao desafiar estereótipos de gênero por meio de atividades lúdicas, é possível criar um ambiente educacional mais diversificado e inclusivo. Os autores ressaltam a complexidade das apropriações de gênero nesse contexto, revelando a necessidade de uma abordagem sensível e consciente.

Finalmente, a performatividade de gênero em crianças emerge como ponto crucial. Reconhecer que gênero é uma construção social constantemente performada pelas crianças implica promover um ambiente que encoraje a autenticidade, a expressão livre e a valorização das diversas manifestações de gênero por meio de ações que busquem desconstruir estereótipos tradicionais e preconceituosos.

A decisão do Supremo Tribunal Federal em 2025, ao declarar inconstitucionais leis municipais que proibiam debates sobre gênero nas escolas, representa um marco importante na defesa da liberdade de ensinar, do pluralismo de ideias e da igualdade de gênero. Essa decisão reforça a necessidade urgente de uma reflexão crítica sobre como as narrativas normativas podem

impactar diretamente a vida das crianças, muitas vezes gerando formas de violência baseadas na desinformação sobre as diversas formas de expressão de gênero.

Portanto, ao adotar a desconstrução dos estereótipos de gênero, estamos dando passos significativos no desenvolvimento de uma compreensão mais inclusiva e respeitosa sobre a diversidade de expressões de gênero. Ou seja, a desconstrução dos estereótipos de gênero nas brincadeiras de crianças necessita do investimento na formação contínua dos profissionais da educação, da implementação de políticas inclusivas e do apoio às crianças para criar um ambiente educacional que valorize a diversidade de identidades de gênero desde a infância.

Em linhas gerais, este estudo evidenciou que a Educação Infantil desempenha papel fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa. As práticas pedagógicas sugeridas e de livre escolha de brinquedos, atividades artísticas sem restrições de gênero, literatura inclusiva e jogos colaborativos, representam caminhos concretos para a transformação do ambiente educacional. Cada uma dessas práticas contribui para a formação de crianças mais conscientes, tolerantes e empáticas em relação à pluralidade de identidades de gênero, constituindo-se como estratégias efetivas para a promoção da equidade de gênero desde a primeira infância.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rose Antonietti Gomes de. **Relações de gênero na educação infantil:** análise de ilustrações nos blogs educacionais. 2016.

BARBOSA, Francisca Maria Da Silva et al.. Discursos e práticas sobre as relações de gênero no contexto escolar. **Anais IV FIPED. Campina Grande: Realize Editora,** 2012. Disponível em: https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/205 . Acesso em: 29/03/2026

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith Butler; Tadução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2010.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade [recurso eletrônico]** / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1.ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

DIAS, Adriana da Silva; GOMES, Márcia Cristina; RABELO, Maria José Santos. Questões de Gênero e Violências na Escola: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e26411427357-e26411427357, 2022.

KASAI, Paula; LIMA, Ivan Gimenes; PRODÓCIMO, Elaine. Jogos e Gênero na Educação Formal: Uma Revisão da Literatura. **Revista Interacções**, v. 18, n. 61, p. 47-68, 2022.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer** / Guacira Lopes Louro. – 2 ed.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LUCENA, Janaína de Castro Ferreira. **Gênero e sexualidade na educação infantil**: uma revisão sistemática da literatura. 2020.

MAIA, Luís Henrique Ferreira et al. **Gênero e sexualidade sob a perspectiva de docentes da educação básica brasileira: uma revisão integrativa**. 2022.

MIGALHAS. **STF invalida leis que proibiam ideologia gênero nas escolas.** Disponível em: https://www.migalhas.com.br/quentes/442382/stf-invalida-leis-que-proibiam-ideologia-genero-nas-escolas. Acesso em: 29 mar. 2026.

MILHOMEM, Marília; LIMA, Rarielle Rodrigues; SOUSA, Sandra Maria Nascimento. Gênero e educação infantil no Brasil: uma revisão sistemática das dissertações produzidas entre 2011 e 2017. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 6, 2017.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F . **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

PAULA, Ana Luisa Duarte de. **Estereótipo de gênero e profissões: uma revisão bibliográfica sobre o que pensaram as crianças de Ensino Fundamental I**. Monografia, 2020.

SAFFIOTI, H. I. B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, 16, 115-136. https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007. Acesso em: 29 mar. 2026.

SALIH, S. **Judth Butler e a teoria Queer** / Sara Salih; Tradução e notas Guacira Lopes Louro. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual**. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuert Hall, Kathryn Woodward. 11 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.